



A FORMAÇÃO EDUCACIONAL DO ORADOR E A RETÓRICA COMO SEU INSTRUMENTO DE AÇÃO NO PRINCIPADO

Rafael da Costa Campos*
Universidade Federal de Goiás – UFG
rafaeldacostacampos@hotmail.com

RESUMO: Neste artigo buscamos estabelecer uma compreensão da importância do orador para a sociedade romana, ressaltando a sua formação educacional, a construção social e cultural de seus valores morais, dentro de um longo e complexo sistema de tradições e costumes. Desta forma, procuramos fazer esta análise buscando comentários extraídos de autores latinos, que nos ajudam a construir referências a este processo, possibilitando o delineamento de um panorama de transformações políticas e sociais dentro da sociedade romana.

PALAVRAS-CHAVE: Sociedade Romana – Educação – Oratória

ABSTRACT: in this article, we try to establish one comprehension about the importance of the orator to the roman society, emphasizing your educational formation, the social construction of your moral values, inside one complex and long system of traditions and costumes. This way, we intend to do this analysis searching for commentaries extracted of Latin authors, which help us to build some references to this process, allowing the design of a panorama of political and social transformations inside roman society.

KEYWORDS: Roman Society – Education – Oratory

O objetivo deste artigo consiste em compreender o que faz um orador e quais são os instrumentos de ação deste agente na sociedade romana, no período que abarca o fim da República e o primeiro século do Principado na sociedade romana, entre os anos de 44. a.C e até por volta de 98 d.C. Para tanto, faço referências nos escritos de Marco Túlio Cícero, Públio Cornélio Tácito, Caio Fábio Quintiliano e Aristóteles. Inicialmente nos é válido saber, em linhas gerais, como se dava a formação educacional de um cidadão romano. Devemos perceber que o cidadão, antes de tudo, coloca-se à disposição do ideal coletivo que consagra o indivíduo ao Estado. A “virtude” romana se relaciona à moral da cidade antiga, recorrendo aos preceitos de sua lenda fundacional, e revivendo, portanto, o mito fundador.

* Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

Dentro da soberania incontestável do *pater familias*, a família é o meio natural em que a criança deve crescer e se formar. A função de transmissão dos valores cabia sempre à mãe, que quando não podia desempenhar esta função, transferia a tarefa para outro membro de idade madura, apto na transferência dos ideais de moral e severidade. No primeiro plano, está o ideal moral: a necessidade de formar a consciência da criança ou do jovem, e ampará-lo com um sistema de valores morais, reflexos de um tenaz estilo de vida.

Notoriamente, observa-se, à medida que Roma realiza sua expansão territorial, econômica e cultural, a influência que as sociedades absorvidas dentro da *romanitas* exercem sobre os valores morais, e sobre a maneira como estes valores são embutidos na formação do cidadão romano, principalmente em relação à difusão dos valores helenísticos.

A civilização helenística, através de sua expansão pelas realizações militares de Alexandre, dentro de um amplo contexto de intercâmbios culturais, foi sendo absorvida pelas conquistas militares romanas, a partir do século II a.C. e transmitindo, conseqüentemente, muitos de seus ideais para esta cultura que agora se difundia incontestemente pelos “quatro cantos do mundo”.

Os romanos não demoraram a perceber todas as ricas influências da cultura grega, o que não significa que a sociedade romana se apropriou indiscriminadamente dos valores gregos. O que de fato ocorreu foi que o homem romano selecionou, definindo esta ação através do termo latino *contaminatio*, e lapidou alguns dos valores helenísticos para o contexto de sua própria sociedade, e para os interesses próprios desta.

A aristocracia romana adotou, para seus filhos, a educação grega: a conquista trouxe para o seio da família escravos que ficariam responsáveis pelo ensino das artes e das ciências que os gregos desenvolveram. Não obstante, muitos jovens romanos não se contentaram simplesmente em procurar professores em Roma, ou mesmo atraí-los para a cidade: iriam estes completar seus estudos na Grécia, como Paulo Emílio ou Cícero. Marrou¹ argumenta que a influência grega na educação romana revela-se muito mais extensa: ao mesmo tempo em que a aristocracia educa seus filhos dentro de muitos ideais gregos, ela duplica a educação estrangeira com um ciclo de estudos, transposto

¹ Cf. MARROU, Henri-Irenée. **Educação no mundo Antigo**. São Paulo: Editora pedagógica Universitária, 1990, p. 386.

para a língua latina. Abria-se uma série de escolas latinas: primárias, secundárias e superiores. A escola primária já nos aparece durante os séculos VII-VI a.C., enquanto o ensino secundário e superior nos séculos III e I a.C., respectivamente.

Enquanto o ensino primário, que consistia basicamente na contagem e na formação silábica das palavras, remonta aos reis etruscos, o ensino secundário aparece um pouco mais tarde, no século III a.C. Este ensino foi encarregado aos *grammatici latini*, e tomou forma definitiva já em tempos de Augusto, com o estudo dos poetas latinos.

O ensino superior, sob sua forma dominante, a retórica, só apareceu em Roma, em sua forma latina, por volta do século I a.C. A primeira escola de retóricos latinos foi aberta em 93 a.C. por L. Plúcio Galo, um cliente de Caio Mário, sendo fechada no ano seguinte pelos cônsules Cneu Domício Ahenobarbo e Lúcio Licínio Crasso, por ser considerada uma transgressão aos costumes ancestrais.² Essa primeira iniciativa, relevando as hostilidades políticas contra a sua intenção, foi a primeira a propor um tipo “moderno” de retórica, oposto em certo grau à retórica clássica das escolas gregas.

Apesar de influenciada por fundamentos da retórica grega, a obra *Retórica dedicada a Herênio*, composta por um aluno desta escola, reage contra a acumulação de regras e defende um ensino aproximado da prática e da vida. Questões da política contemporânea passam a ser incluídas. Essa medida repressora fez com que o ensino da eloquência só se elevasse novamente com Cícero, em finais do século I a.C, momento na qual *optimates* e *populares* discutem no Senado.

Deixando por um momento as condições do ensino da retórica em Roma, iremos falar do desenvolvimento da gramática antiga e de sua evolução. Se existe já na Antiguidade uma reflexão sobre a relação entre as palavras e as coisas, desse interesse vemos que os primeiros estudiosos da linguagem, como Platão em *Crátilo*,³ tentaram realizar, mediante uma análise das correlações possíveis entre forma e sentido das palavras, o encontro de uma forma supostamente “verdadeira”, o acerto entre o nome e a coisa representada.

Já por volta do século II a.C, uma nova questão entrará em pauta associada às perspectivas do primeiro debate. Passou-se a discutir se havia ou não uma regularidade

² MARROU, Henri-Irenée. **Educação no mundo Antigo**. São Paulo: Editora pedagógica Universitária, 1990, p. 390.

³ Id. **Sobre o conhecimento histórico**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1978, 395.

que regia tanto o funcionamento quanto as mudanças de significados das palavras ao longo do tempo. O embate passa a discorrer em torno da regularidade e da irregularidade, na analogia e anomalia.

Os analogistas procuravam a regularidade em paradigmas formais, significando que palavras de uma mesma categoria gramatical tinham idênticas terminações e semelhante estrutura prosódica, podendo ser auto-comparáveis, enquanto os anomalistas procuravam valorizar tudo aquilo que fosse “natural”. A língua para estes, devido às suas raízes, deveria ser encarada tal qual era apresentada, mesmo que parecesse irracional.

A clássica definição de gramática remonta a Dionísio Trácio. Representante da escola Alexandrina, este definiria a disciplina como o conhecimento prático do uso lingüístico comum a poetas e prosadores. A arte de escrever bem se tornaria mais tarde também a arte de falar corretamente. À gramática caberia determinar quais os usos que seriam corretos e legítimos, enquanto à retórica caberia a atualização num discurso, de determinados usos com vistas de torná-lo eficiente e persuasivo.⁴

Retornando ao panorama latino, sem deixar de dar prosseguimento ao desenvolvimento da gramática, Varão de Reate propõe o respeito ao latim padrão em detrimento do latim vulgar, falado pelo *populus* na República e no Principado. Em sua obra, *De lingua latina*, ele propõe a divisão da gramática em morfologia, sintaxe e etimologia, que não chegaram a ser aplicadas.

Com Prisciano e Donato, aplica-se um aprofundamento da sintaxe, que em definição seria “[...] assim como a palavra é a unidade mínima da estrutura da frase, esta é a expressão de um pensamento completo (*dictio est pars minima orationis constructae, oratio est ordinatio dictionum congrua, sententiam perfectam demonstratus*)”.⁵ Dentro do quadro da educação aplicada ao cidadão romano, como foi dito um pouco acima, no ensino superior, trata-se em primeiro lugar do ensino da retórica. Sabendo que a possibilidade de ingresso nesta etapa do ensino era restrita a uma parcela muito reduzida da sociedade romana, vemos que o ensino da arte oratória é confiado a um mestre especializado, o *rhetor*.

⁴ Cf. PEREIRA, Marcos Aurélio. **Quintiliano Gramático**. São Paulo: FFLCH/HUMANITAS, 1999, p. 35.

⁵ RODINS, 1983, p. 44-50 Apud Ibid., p. 36.

Numa hierarquia de valores, o retor ocupa um posto mais elevado em relação aos seus colegas, o *magister ludi* e o *grammatici*, responsáveis pelo ensino primário e secundário, respectivamente. Ensinando à sombra dos pórticos dos foros, tinha à sua disposição salas arranjadas como pequenos teatros, abertas ao fundo dos pórticos. O ensino do *rhetor latinus* tinha como objetivo o domínio da arte oratória, a princípio assegurada na técnica tradicional, o sistema complexo das regras, procedimentos e normas estabelecidos pela escola grega: ensino formal de comunicar as regras e habituar o aluno a se utilizar delas.

Para Marrou, não há retórica propriamente latina: esta arte teria sido inventada, elaborada e aperfeiçoada pelos gregos. O trabalho dos *rhetores latini* consistia em apenas transmitir o vocabulário dos gregos, transcrevendo pacientemente cada palavra para seu sinônimo em latim. A retórica latina permanece, durante todo o Império, em contato muito estreito com a retórica grega.⁶

Se os romanos demoraram a se interessar pela teoria da arte do falar, jamais desconhecaram a força poderosa e sedutora da palavra, pois oradores são conhecidos desde os primórdios da história de Roma. Embora os contatos com o mundo grego tenham existido desde períodos sem relatos, as relações entre as duas civilizações começaram a ganhar força a partir do século III a.C. O domínio político de Roma sobre a Grécia e o Oriente abriu as portas para o surgimento de uma cultura híbrida, helenizada e de bilingüismo, fazendo aportar entre a aristocracia os pensamentos e idéias da Grécia, e depois do helenismo.

Uma clara verificação disso foi o surgimento do ideal romano e do culto da *humanitas*, através de homens cultos da aristocracia, que assimilaram certos aspectos da cultura grega e ajudaram a montar as bases de uma estrutura original entre as duas culturas. *O Círculo dos Cipiões*, cujos conhecimentos marcados por uma linha de pensamento baseado em preceitos do estoicismo, forneceu base teórica grega ao ideal da *virtus* romana.

Efetivamente, *humanitas* deriva de *humanus*, que por sua vez relaciona-se a *homo* (o homem) e *humus* (a terra): existe a probabilidade da noção de um “ser terreno”, ligado a modos de comportamento que lhe são próprios, incluindo o comportamento e a

⁶ MARROU, Henri-Irenée. **Educação no mundo Antigo**. São Paulo: Editora pedagógica Universitária, 1990, p. 438.

natureza dos homens. Certos exemplos de Cícero indicam também outras variantes complementares deste termo:

Quem poderá chamar corretamente homem o que se nega a ter com os seus concidadãos, como todo o gênero humano, qualquer comunidade jurídica, solidariedade humana (*humanitas societatis*)?⁷

A essas obras de arte, não as compreendia o famoso Cipião, homem tão instruído e culto (*humanissimus*). E tu, que não tens saber, nem *humanitas*, nem talento, nem letras, é que as compreende e avalia!⁸

Nestes extratos, vemos que Cícero emprega *humanitas* como termo de acumulação de civilidade, doutrina, saber; *humanitas* é aquilo que torna o homem profundamente homem, e se perpetua mesmo com a expiração do ser. *Humanitas* torna o homem digno, fazendo-o *humanus* e *politus*, ajustando este conceito às suas *gravitas*, *auctoritas* e *dignitas*, atitudes de caráter romano.

Ferrenho opositor a essa assimilação foi, dentre muitos, Marco Pórcio Catão, cuja facção senatorial tentou impedir a invasão maciça da cultura e costumes gregos, que somadas às mudanças políticas inevitáveis da expansão imperialista, poderiam corroer as bases ético-políticas do estado romano, e de seu regime autocrático.

A influência de Catão no século II a.C foi a última defesa da sobrevivência da retórica nos moldes clássicos, que eram caracterizados por uma linguagem agressiva, robusta, direta, desprovida de ornamentos; o tom grave e distinto que aparentava a simplicidade direta e firme da linguagem arcaica.⁹

De Catão podemos extrair a máxima que define o caráter do orador nos moldes da retórica clássica: “*Vir bonus peritus dicendi*”.¹⁰ O homem nobre, hábil no falar. E também diz respeito a uma visão pragmática, e, de certa forma, desintelectualizada do discurso, uma genuína retórica romana. Na passagem do século II para o século I a.C, dois oradores são lembrados: Marco Antônio e Lúcio Licínio Crasso. Dois *optimates*, que divergiam quanto à maneira de abordar a importância da matéria do discurso, ou da técnica de elocução: a persuasão.

Educar os dirigentes no exercício do poder, mediante atividade oratória, foi o objetivo pragmático que a retórica teve em Roma. Esta é, por essa época, a teoria

⁷ A República, II. 26. 48.

⁸ Verrinas, II. IV. 44. 98.

⁹ PETERLINI, Ariovaldo Augusto. A retórica na tradição latina. In: MOSCA, Lineide do Lago Salvador. (Org.). **Retóricas de ontem e hoje**. São Paulo: FFLCH/HUMANITAS, 1997, p. 119.

¹⁰ Ibid., p. 128.

literária disponível e deve ser encarada como código de toda a atividade literária, nas disputas entre teorias e estilos diversos, na própria evolução da eloquência, da forense e política à judiciária.

Muitos autores, como Peterlini,¹¹ consideram Marco Túlio Cícero o nome mais importante desta tradição. Nascido em Arpino, de família eqüestre, parente de Caio Mário, *homo novus*, foi educado em Roma no direito, filosofia e eloquência, seguindo uma linha aristocrática de cultura humanística, e o sonho republicano, num momento de desestruturação. Cícero se esforça para criar uma figura de *perfectus orator*, que assume qualidades do retor e do filósofo, possuindo uma formação global, contrariamente ao *vulgaris orator*, limitado a uma formação técnica.

Propôs a necessária união de retórica e filosofia, rejeitada em Sócrates e marcada em Platão:

Já que todo o conhecimento das mais elevadas noções e toda a prática em relação a elas se chamava Filosofia, foi ele que tirou esse nome comum e separou, com sua dialética, a ciência do bem pensar e do falar com elegância, na realidade interligadas [...] daí surgiu aquela separação da língua e do coração, sem duvida absurda, inutil e condenável, de sorte que uns nos ensinam a viver bem, e outros a bem falar.¹²

Em sua literatura, Cícero propõe o *perfectus orator*, tomando como modelo a aristocrata ideal, o *vir bonus peritus dicendi*. Bate na tecla da necessidade da formação geral, da cultura humanística para o *orator excellens*. Este deve conhecer a dialética, a literatura, em prosa e verso, as ciências naturais, a astronomia, a religião, a antropologia, a sociologia, o direito, a história universal.

A morte de Cícero trouxe a decadência para a retórica, extinguindo-se com a República o ideal oratório que supunha o espaço de alguma liberdade. Na segunda metade do período de Augusto, através do asianismo, a retórica se tornou, com as *declamationes*, diversão de salão, junto às *recitationes*. Falaremos posteriormente sobre as transformações que a retórica atravessou após a desestruturação da República e a morte de Cícero.

A grande originalidade do ensino latino era o fato de oferecer à ambição dos jovens a carreira jurídica. É este o único ponto em que deixamos de notar o tão perfeito

¹¹ PETERLINI, Arioaldo Augusto. A retórica na tradição latina. In: MOSCA, Lineide do Lago Salvador. (Org.). **Retóricas de ontem e hoje**. São Paulo: FFLCH/HUMANITAS, 1997, p. 138.

¹² Do orador, III, XVI. 60-61.

paralelismo existente entre as escolas gregas e latinas. É um tipo original o *iuris prudens*: o homem que conhece o direito, que sabe a fundo as leis, os costumes, regras processuais, o repertório da jurisprudência, o homem que diz o direito, que tem a habilidade de o pô-la em execução. Em determinado caso, sabe usar de seu conhecimento para individualizar o assunto e oferecer a melhor solução para quem defende. Sendo o direito uma das grandes atividades em que o cidadão romano se inseria, nas vias da vida pública e da política romana, mas não se esquecendo do amplo papel que o orador representava também dentro dos foros e assembléias, este deveria abarcar uma série de conhecimentos em sua formação que o ajudassem a tornar persuasiva e verossímil sua argumentação para os ouvintes.

Para Antonio Lopez Eire,¹³ o fundamento da retórica se baseia no propósito de proporcionar uma fala persuasiva, partindo da perspectiva do ouvinte juiz, adotada por Aristóteles, sabendo que o esforço de um orador só será recompensado pelo veredicto do auditório. Compreendendo-se então o desnível entre a realidade e a linguagem designada, a retórica manipula esta para o benefício do falante:



Se algo está elegantemente dito (estilo, lexis), emotivamente expresso (páthos) e fidedignamente exposto (êthos), o que foi dito é verdadeiro [...] o melhor discurso retórico, que aspira ao verossímil, será sempre destinado a ser processado pela inteligência racional e emocional dos ouvintes, e elaborado com a arte da eloquência para que o resultado do processo mencionado seja proveitoso para o orador.¹⁴

Conseqüentemente, a alma do ouvinte, quando percebe um discurso pronunciado em um estilo apropriado, impregnado de tons que suscitem paixões ou gestos que expressem o caráter do orador, em virtude de um paralogismo, ou seja, de falácia ou falsa racionalização, se deixa facilmente persuadir pela idéia de que o orador que fala está dizendo a verdade.¹⁵

O historiador romano inclina-se demasiado em ligar esta eloquência escolar aos fatores anunciadores da decadência. O que se põe em questão é este traço “artificial” de não pertencer à cultura da Roma Imperial, mas estar ligado a fatores vindos da cultura helenística, colocada pelas ordens superiores como norma de cultura.

Esta questão é fundamental no que diz respeito ao assunto da obra de Tácito em que fundamentamos nossa pesquisa. Por um lado, seria sensato acusar de “cegueira”

¹³ LOPEZ EIRE, Antonio. **Los fundamentos de la Retórica**. Buenos Aires: UNS, 2001, p. 75.

¹⁴ Ibid., p. 75.

¹⁵ Ibid., p. 68.

uma civilização que em tão longa seqüência de gerações adotara ideais e valores de uma outra cultura, por considerá-los úteis e enobrecedores dos valores romanos?

Por outro lado, seguindo seu raciocínio, é compreensível o distanciamento da atividade pedagógica e literária da vida, em certa forma. A transformação da liberdade política no governo de Augusto poderia ter conseqüentemente levado a cultura romana a um alinhamento com a cultura helenística. A eloqüência, em sua forma superior, não seria mais a eloqüência ligada à política, mas aquela desinteressada e estética, conferencista.

Portanto, à medida que se avança, vão se atenuando os traços específicos que anteriormente opunham a tradição educativa romana e grega. No Império, a educação romana, assim como a helenística, tornou-se puramente estética. A eloqüência com fins especificamente pedagógicos deixa de parecer, para muitos, um insustentável absurdo. Passa a se orientar conscientemente no sentido da arte laudatória, à sofisticação e ao refino.

Acredita-se que esta educação não desviou o jovem da vida prática como um todo. Eis nesta constatação, divergências entre diversos historiadores latinos, como Tácito, por exemplo:

Agora, porém, são levados os nossos adolescentes às escolas desses a que chamam rétores, que apareceram pouco antes da época de Cícero e que não agradaram a nossos maiores [...] não me seria fácil assegurar se é o próprio lugar, ou os condiscípulos ou a especie de estudos o que mais lhes faz mal ao talento. Não há respeito algum num lugar em que não senão quem é igualmente inexperto.¹⁶

Em considerações gerais, pode-se dizer que o ensino da retórica era conduzido para a vida prática: preparava geralmente seus alunos para a carreira das leis. Com Quintiliano, percebemos como se altera o trabalho de um orador: este procura persuadir seu discípulo a estudar a fundo o direito, bem admitindo que no desenvolvimento da práxis jurídica romana havia uma divisão de especialidades entre o jurista e o advogado: este tinha à sua volta conselheiros (*pragmatici*), que dirigiam o processo e forneciam-lhe um auto de argumentos legais.

O trabalho próprio do advogado era fazer valer estes argumentos, passando do direito à equidade, e dar-lhes uma voz comovente e persuasiva: seu trabalho era, em suma, de ordem mais literária que propriamente jurídica.

¹⁶ TÁCITO. *Diálogo dos Oradores*, XXXV.

Isso, contudo, insere-se dentro do quadro de mudanças que caminham junto às transformações políticas que serão percorridas com a desestruturação da República e a configuração do Principado. Se a morte de Cícero é recebida como o fim da retórica de alcance político, o gosto pelo ciceronianismo retorna com os Flávios, dinastia subsequente aos Imperadores Júlio-Claudianos, através de Quintiliano, que propugnou a formação de um orador desde o berço, mas em condições de participação na vida política bem diferentes.

Para Quintiliano, tão logo a criança tenha aprendido bem a ler e escrever deve ser posta aos cuidados do gramático. Observa-se que tanto as regras da escrita se combinam com as do falar, que uma leitura correta precede a explicação e um juízo crítico permeia a ambas. Defende a necessidade de um conhecimento que extrapole simplesmente o conhecimento da gramática. Esta, junto com a dialética, a retórica, a aritmética, a música, a geometria e a astronomia constituíam as chamadas *ars liberales*. Para ele, se a gramática não tiver alicerçado bases para o orador, tudo o que se tiver edificado irá por terra, necessária como é aos pequenos, agradável aos velhos, doce companhia dos retiros: a única talvez que, dentre todos os tipos de estudos, prima pelo trabalho mais que pela aparência. Ela revelará muitas sutilezas, que poderão não só aguçar a inteligência das crianças, como também propiciar uma erudição e um saber de grande profundidade.

De fato, estas considerações lembram preceitos ciceronianos quanto à formação de um bom orador, mas desta vez e neste contexto, o *perfectus orator* tem uma relação bem diferente com a *res publica*. A sua formação lhe servirá enquanto fundamento na arte do *declamatio*, pois a situação política passa por outro viés, à medida que a estrutura política passa a ter em seu cume a máxima *dignitas* de um *Princeps*, ao invés de um Senado.

Tácito, cuja obra histórica é uma busca pelo sentimento de liberdade política perdida, tentando evocar o espírito da eloquência ciceroniana, em seu *Dialogus oratoribus*, um debate que diz respeito à decadência do papel político da oratória na sociedade romana do Principado, observa como a tirania do poder que impõe silêncio ao fórum num sinônimo de paz e estabilidade ao Império, mostra como esta *Pax Romana* força os oradores a uma arte sem compromisso: a deposição dos estudos gerais, em favor do hábito de preparar a criança para a eloquência em si, desde o início. No entanto, os grandes interesses presentes no ideal de se formar um indivíduo apto à

oratória pela sua formação global, pelo seu bom senso e *media alla via* (o meio-termo nas atitudes), ficaram com Cícero e sua *De oratore*, cujos ideais nem este em vida alcançou.



www.revistafenix.pro.br